

ROSA, SERTÃO E VEREDAS

José Batista de Lima

Escritor. Professor de Literatura da Universidade de Fortaleza e Universidade Estadual do Ceará. Presidente da Academia Cearense da Língua Portuguesa e membro das Academias Cearense e Fortalezaense de Letras.

Todo tempo é tempo de Guimarães Rosa. Todo tempo é tempo de **Grande Sertão: Veredas**. Em 2002 essa grande obra completa 46 anos de publicação. Só que agora também já se completam os 25 anos de morte do autor de **Sagarana**, livro que também tem 56 anos comemorados de sua publicação. Mas não é por essas coincidências de datas que tanto se estuda Guimarães Rosa. O que leva ao estudo desse autor é a grandiosidade de seus escritos. É a subjetividade de sua obra, principalmente de **Grande Sertão: Veredas**.

Para estudar a subjetividade no **Grande Sertão: Veredas**, um dos caminhos passa pelas dicotomias. Essas dicotomias estão quase sempre estabelecendo relação intrínseca entre dois elementos opostos marcados pelo real e pelo imaginário. Mesmo assim por ser essa obra de Guimarães Rosa multifacetada e marcada por subjetividades, essas dicotomias são formadas por componentes que por sua vez estabelecem às vezes outras dicotomias e até politomias no seu interior.

Baseado nisso é que constatamos variadas dicotomias nessa obra de Guimarães Rosa, entre os quais destacamos: Sertão x Vereda, Riobaldo x Diadorim, O épico x O lírico, O urbano x O rural, Deus x Diabo, Feminino x Masculino, Significante x Significado, Guerra x Paz, Terra x Água, Amor x Ódio, O falso x O verdadeiro, Jagunço-Vereda x Jagunço-Bandido, O velho x O novo, Joca Ramiro x Hermógenes, Eros x Tanatos, A margem direita x A margem esquerda etc.

A primeira grande dicotomia firma-se a partir do título onde “Sertão” e “Vereda” se contrapõem. Só que o “Sertão” como clímax da subjetividade pressupõe a existência da “Vereda” para que haja a aproximação. O primeiro estágio pois dessa dicotomia é a vereda.

Primeiro tem-se que pegar a vereda para se tentar chegar ao sertão. Mas são muitas veredas. A solução é então trafegar pela mais larga. E a mais larga é a que o próprio escritor percorreu antes de construir ele próprio sua vereda maior, a textual. Guimarães Rosa, para conhecer bem uma vereda, percorreu 40 léguas, ou seja, 240 quilômetros, entre os dias 19 e 28 de maio de 1952, primeiramente no lombo da mula “balalaica” que depois de fugida quase no final da viagem foi substituída pelo burro “canário”. Nessa viagem, o escritor acompanhava um rebanho de seiscentas rezes que eram levadas da fazenda Sirga, em Três Marias, até Araçás, distrito do município de Sete Lagoas. Os personagens dessa viagem real eram: Manuelzão (capataz), Zito (cozinheiro), Santana (vaqueiro), Bindóia, Gregório e Sebastião de Moraes (campeiros), Sebastião de Jesus (aprendiz de vaqueiro) e Guimarães Rosa que se intitulava de vaqueiro amador. Esse vaqueiro amador levava sempre pendurado no pescoço, uma caderneta espiral onde a cada instante fazia suas anotações. Essas cadernetas estão preservadas no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Ali estão escritas muitas passagens que coincidem com o escrito do livro **Grande Sertão: Veredas**.

Feita essa primeira vereda, Guimarães Rosa começou sua vereda principal, que foi a escritura do seu grande livro: terminado de escrever às 23 horas e trinta minutos de 31 de julho de 1954. A publicação ocorreu em 1956. É a história do jagunço Riobaldo. O título primeiramente seria **Sagarana vai a Sirga**. Essa nova Vereda leva ao Sertão.

O sertão é infinito. A vereda instaura o sertão. A vereda é uma sincronia. O sertão é uma diacronia, é Diadorim. O “dia” de diacronia é o mesmo de “Diadorim”, é o mesmo que “dia”, o diabo. O Sertão instaura a subjetividade. A vereda tem princípio e fim. No plano da escritura ela percorre 571 páginas e 21.000 linhas. Nesses dois planos a vereda vai parindo o sertão. Isso fica patenteado principalmente, quando ao término da última página o escritor desenha o 8 deitado, símbolo do infinito que ali se instala. O final é pois aberto. O livro é uma vereda que leva ao sertão. O sertão apenas se inicia. O 8 deitado é pois símbolo da subjetividade, do surreal e do sensual, até.

Assim é que os amores de Riobaldo todos se compõem de 8 letras: Diadorim, Otacília (mulher de Riobaldo) e Nhorinhá (Prostituta).

Mas também os outros nomes próprios importantes da história que são também marcados pela subjetividade, vêm com o estigma das oito letras: Reinaldo, Riobaldo, Tatarana, Cerzidor, Zé Bebelo, Ricardão, Diodôlfo, Anselmão, Pereirão, Balsamão, Zé Cância, fonfrêdo, Quelemem, Aduvaldo, Borromeu, Leocádio, Leopoldo, Liberato, Salústio, Umbelino, Deovídio, elisiano, Firmiano, Jesualdo, Liduvino, Miosótis, Sesfrêdo, Sidurino, Faca-Fria, Duzentos, Coscorão, Ventarol, João Frio, João Tatu, Adalgiso, Assunção, Bobadela, Cajueiro, Conceição, Dos-Anjos, Do Zabudo, Faustino, Figueiró, Jiribibe, Juvenato, Marruaz, Nhô Lajes, Pereirão, Renovato, Sizino Ló e Umbelino. Quelemem, o ouvinte, precisa ser subjetivo como o leitor, ler reescrevendo metaforicamente, rastrear também.

O oito também se apresenta deitado no final do livro o que “representa o infinito e assim funciona como veículo da libertação” (Lima, 1993:36). Ao final da vereda, que é o texto, começa a libertação, a liberdade para o sertão, para a criação que ficará a cabo do leitor. Guimarães Rosa dá a entender que apenas concluiu uma vereda e que a imensidão do sertão em vez de ser um simples final aberto, é muito mais o princípio de tudo. Além de ser a libertação de Riobaldo, que antes da escritura era derrotado pela não realização amorosa com Diadorim, é também o ponto de partida de outras veredas que dali podem surgir. Sertão é possibilidade de veredas.

Com oito letras também é o sonho de Riobaldo, de ir morar em “Os porcos” e de Zé Bebelo de ser “Deputado”.

Ainda com relação a essa dicotomia é bom observar o paradigma estabelecido pelo termo VER/EDA e a relação de “ver” com a imagem acústica de vereda, e pelo termo SER/TÃO e a relação de “ser” com a imagem psíquica do sertão. Mas sertão é estado de espírito. Sertão é ser intensamente, é tão ser.

A segunda grande dicotomia é formada pelo par Riobaldo x Diadorim. Só que cada um desses personagens por sua vez também forma dicotomias. Riobaldo é “rio” e “baldo”. Como “rio”, ele é “vereda”; como “baldo”, é “sertão”. Por isso é que Riobaldo consegue ser a um só tempo: travessia, travessura e transgressão; narrador e personagem. Como “baldo”, Riobaldo é a subjetividade, a mentira, o irreal, o

irracional. Nessa perspectiva, Riobaldo é paixão, é sertão. É profundo por ser “baldo”, baldeado, barrento. Riobaldo é ocultação. E são várias as formas de ocultação desse personagem. Ele é Riobaldo, mas também é Tatarana, matador cujo nome é dispara/dor como sua arma de repetição. É o “cerzidor” e ainda Urutu Branco.

Riobaldo ainda retém a dicotomia de ser derrotado, por perder Diadorim, e vencedor por narrar sua história como reconstrução do sentido para sua vida. Riobaldo é protagonista e narrador. Ao final, Riobaldo é um fugidor paradoxal: “Fugiu tanto que fugiu da fuga e ficou” (Rosa, 1982:156).

O outro componente dessa dicotomia é Diadorim: o mais subjetivo nome de personagem. Em Diadorim há “Di” de dois, que pode ser homem ou mulher, vereda ou sertão, Deus ou o diabo, e muitas outras dicotomias que podem evoluir daí. Se acrescentarmos “a” ao “Di”, teremos “Dia”, uma das formas com que Guimarães Rosa nomeia o diabo. Aliás são várias formas como o diabo aparece no **Grande Sertão: Veredas**:

Aquele, Arrenegado, Austero, Azarape, Barzabu, Bode-Preto, Canhim, Canho, Cão, Capeta, Capiroto, Careca, Carochó, Carujo, Coisa-Ruim, Coxo, Cramulhão, Cujo, Dado, Danado, Danador, Das-Trevas, Dê, Debo, Demo, Demônio, Diá, Dião, Dos-Fins, Duba, Ele, Figura, Homem, Indivíduo, Lúcifer, Maligno, Mafarro, Mal-encarado, Morcegão, Muito Sêrio, O, Ocultador, Oculto, O-que-nunca-se-ri, Outro, Pai-do-mal, Pai-da-mentira, Pé-de-pato, Pé-preto, Que-diga, Que-não-existe, Que-não-fala, Que-não-ri, Rapaz, Rei-diabo, Satanão, Satanás, Sem-gracejos, Sempre-sêrio, Severo-mor, Solto-eu, Sujo, Temba, Tendeiro, Tentador, Tibes, Tinhoso, Tisnado, Tranjão, Tristonho, Tunes, Xu (Castro, 1970:68).

Essa tendência polinômica para se referir ao diabo, Guimarães Rosa pesquisou criteriosamente nas gerais e arredores, principalmente no cordel. Prova disso é que o poeta popular José Pacheco, falecido em 1954, só no seu famoso poema “A chegada de Lampião no inferno” (Pinto, 2001), apresenta os seguintes sinônimos para o demônio:

“canguinha, forrobodó, parafuso, cotó, boca-insossa, cão, traz-cá, vira-volta, capataz, tromba-suja, bigodeira, goteira, satanás, lucifer, fuchico, cão-de-bico, tangença, maçarico, cambota, formigueira, trupezupé, crioulo-quente, bagé, pecaia, rabisca, cordão-de-saia, banzé e caim.

Mas voltando ao nome Diadorim, observa-se que depois de “Dia” vem “Dor”. É a dor colocada entre o dia/bo e mim. É a indecisão, o meio termo. É a dor de se ser multifacetado: às vezes Reinaldo, outras, Menino, e ainda Diadorim ou Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, a filha de Joca Ramiro, travestida de jagunço em busca de vingar a morte do pai. Diadorim carrega o estigma de ser: “Díade do Bem e do Mal. Da Vida e da Morte. Do Homem e da Mulher. Deus e o Diabo. Do Amor e do Ódio” (Souza, 1996:96).

Finalmente vem “IM” que é para rimar com “mim” e instaurar o afeto de Riobaldo. Diadorim é o diabo que dói em mim. Daí que é bom que se observem algumas passagens em que Diadorim vem junto a “mim” para justificar o amor de Riobaldo contando sua história. Nessa aproximação de Diadorim e “mim” estabelecem-se momentos do mais puro lirismo no Grande – Sertão Veredas. Daí ser importante se verificar a dicotomia que se forma entre o lírico e o épico na obra de Guimarães Rosa.

A convivência do lírico com o épico no corpo do livro de Guimarães Rosa é por demais curiosa. Isso só é possível dada a grandiosidade da obra. Afinal não é tão fácil a convivência num mesmo contexto do referencial com o emotivo. E é por isso que outras dicotomias passam a brotar desse relacionamento lírico x épico, como é o caso de: sentimento e razão, expressivo e narrativo, confissão e história, o eu e o ele, o sedentário e o nômade, fala x língua, o particular e o social, o subjetivo e o objetivo, o emocional e o figurativo, o feminino e o neutro, o arrebatamento e a força, o canto e a recitação, o interior e o exterior, protagonista e espectador etc.

O épico fica por conta da saga do jagunço Riobaldo nas veredas das Gerais, mas também de Diadorim, a mulher guerreira na perseguição a Hermógenes, matador do seu pai, Joca Ramiro. Zé Bebelo também escreve sua história da busca do poder, pensando em ser deputado. Também Joca Ramiro faz sua guerra em nome da ética. Afinal todos estão empenhados em compor sua história, rastreando códigos de

antiquíssimos guerreiros. Em fim mesmo lado a lado, Riobaldo e Diadorim têm uma missão épica: estão “destinados para dar cabo do filho do demo, do Pactário” (Rosa, 1982:310), Hermógenes.

O lírico está na relação Riobaldo x Nhorinhá, Riobaldo x Otacília mas fundamentalmente na relação Riobaldo x Diadorim. Nessa relação Riobaldo x Diadorim é bom que se verifique o recurso lingüístico usado pelo autor de quase sempre ligar o nome Diadorim à primeira pessoa, ao narrador, no caso Riobaldo. E para dar mais afetividade a essa ligação, há predominância do conjunto Diadorim x mim. Sobre essa coincidência, Júlia Conceição Fonseca Santos, em levantamento feito na 2ª edição do **Grande Sertão: Veredas** (1958), apontou as passagens em que se encontram rimas com Diadorim, entre elas, as que rimam com “mim”:

“Se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as todas palavras”. (pág.37) [...]

“A saudade de Diadorim voltou em mim...” (pág. 70) [...]

“Quem era assim para mim Diadorim.” (pág.172) [...]

“Diadorim viveu presente em mim...” (pág. 177) [...]

“Diadorim tomou conta de mim”. (pág. 184) [...]

“Diadorim perto de mim”. (pág. 185) [...]

“... era Diadorim que chegava, ele já parava perto de mim.” (pág. 225) [...]

“... Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim, ...”(pág. 273) [...]

“Um Diadorim, só para mim...”(pág. 275) [...] (Santos, 1971:114).

Essa simples amostragem de algumas dicotomias no **Grande Sertão: Veredas** é uma pequena vereda começada. Poderemos terminá-la com o oito deitado que encerra o livro, já que daqui para a frente é que começa o sertão. E para se adentrar o sertão, só criando mais veredas, o que toca esse sertão para mais longe. Ler esse livro de Guimarães Rosa é

cotucar o sertão com veredas. Daí não adiantar muito cotucá-lo com vereda curta. Por isso que apenas abrimos essa clareira por conta do universo ainda indevassável das dicotomias. Se alguém já classificou esse livro de barroco é quase certo que as dicotomias tenham contribuído para essa classificação. Afinal essa bipolarização constante em toda a obra não é gratuita.

Gratuita também não é a ligação que alguns críticos fazem entre vida e obra de Guimarães Rosa. É tanto que, como se viu no início, o autor ao percorrer veredas do interior mineiro não deixou de transcrever na obra passagens reais, lugares e até personagens. Ele primeiro rastreou o mundo real para depois tentar o ficcional. Um terminou interferindo no outro o que ficou até enriquecedor. Cabe então ao leitor, talvez até fazer o caminho inverso, rastrear o ficcional para tentar entender o mundo real das gerais, que é o mundo real de Guimarães Rosa, das veredas, em especial. Afinal como diz Riobaldo, “todos temos nosso sertão e necessitamos encontrar nossas Veredas!” (Rosa, 1982:8).

Bibliografia

CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e Vocabulário do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

LIMA, Batista de. *Os vazios repletos: ensaios literários*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1993.

PINTO, José Neumann (Org.). *Os céem melhores poetas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 15ª. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

SANTOS, Júlia Conceição Fonseca. *Nomes de personagens em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: INL, 1971.

SOUZA, Alduísio M. de. *Os impasses do amor*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.